

POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DO TRANSPLANTE RENAL SOB ÓTICA DOS TRANSPLANTADOS

Emily Ribeiro da Silva, Jessica Loubak Paes, Rafaely de Cassia Nogueira Sanches, Anderson da Silva Rêgo, Cremilde Aparecida Trindade Radovanovic (Orientadora), e-mail: ribeiro18emily@gmail.com.
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde / Maringá-PR.

Área: Saúde; Subárea: Enfermagem.

Palavras-chave: Humanização da Assistência, Doença Renal Crônica, Transplante Renal.

Resumo:

O transplante renal é considerado o melhor tratamento para a doença renal crônica. Apesar das inúmeras vantagens do transplante renal, o transplantado deverá seguir uma série de recomendações para a manutenção do enxerto. Diante deste contexto, o objetivo desta pesquisa consiste em compreender a percepção de pacientes transplantados, quanto as dificuldades e facilidades vivenciadas após o transplante renal. Trata-se de dados parciais de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, do tipo História de Vida Oral, realizada junto a quatro pacientes transplantados, usuários de uma clínica de hemodiálise localizada no interior do Paraná. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, individual, as quais foram transcritas na íntegra e submetidas a análise de conteúdo modalidade temática. Após análise, foram construídas duas categorias, denominadas: “*Viver normal: facilidades decorrentes do transplante renal*” e “*Necessidades de cuidados permanentes: fragilidades dos transplantados*”. Conclui-se que há uma necessidade de promover ações de saúde que valorizem e favoreçam a singularidade e o contexto das pessoas transplantadas.

Introdução

O transplante renal (TR) é considerado o melhor tratamento para a doença renal crônica (DRC), por se tratar do método mais semelhante ao fisiológico e com processo menos doloroso, podendo assim o paciente pode retomar alguns dos seus hábitos cotidianos (SANTOS et al., 2016). O TR necessita de imunossupressão efetiva e continua para a preservação do órgão, por isso a importância de seguir corretamente o tratamento e uma série de recomendações para a manutenção do enxerto, isso acaba sendo uma barreira para a adesão (MORAIS et al, 2016).

Além do cuidado diário, podem surgir sentimentos e emoções oriundos das preocupações com o retorno ao trabalho, com o convívio com a família e as responsabilidades do cotidiano, com as incertezas que permeiam o tempo de sobrevida e a possibilidade de rejeição (SANTOS et al., 2016). Diante deste contexto, o objetivo desta pesquisa consiste em compreender a percepção de pacientes transplantados, quanto as dificuldades e facilidades vivenciadas após o TR.

Materiais e métodos

Trata-se de dados parciais de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, tipo História de Vida Oral (MEIRHY, 2011). Os sujeitos participantes foram pessoas transplantadas usuários de uma clínica de hemodiálise localizada no norte do estado do Paraná. A busca inicial se deu a partir do levantamento junto com a enfermeira da clínica, de acordo com os seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos; ter realizado transplante renal; usuária da clínica cenário do estudo e residir na cidade de Maringá e região metropolitana.

A lista construída pela enfermeira possuía 10 pacientes, dos quais quatro foram abordados até o momento. Os transplantados foram abordados na clínica de hemodiálise e convidados a participarem da pesquisa, quando explicou os objetivos e como se daria as entrevistas. Após o consentimento, iniciou-se a coleta por meio de entrevista semiestruturada, individual e no local escolhido pelos participantes (residência e/ou na própria clínica), composta com questões para caracterização sociodemográfica e a seguinte questão norteadora: *Fale-me sobre como tem sido sua experiência após a realização do transplante renal.*

Após consentimento as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, submetidas a análise de conteúdo modalidade temática. Após análise, foram construídas duas categorias, denominadas: *“Viver normal: facilidades decorrentes do transplante renal”* e *“Necessidades de cuidados permanentes: fragilidades dos transplantados”*.

O estudo está em conformidade com os preceitos éticos disciplinados pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, aprovado sob o parecer nº 862.749 no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias. Para garantir o anonimato, os participantes foram nomeados com nome de com E1-42; E2-38, assim sucessivamente (entrevistado, seguido da idade)

Resultados e Discussão

Participaram até o momento, quatro pessoas transplantadas, dos quais três mulheres e um homem. A idade dos pacientes variou entre 19 à 49 anos, e o tempo médio de realização do transplante variou de 3 meses a 17 anos.

Viver normal: facilidades decorrentes do transplante renal.

O principal apontamento realizado pelos participantes foi à libertação da diálise, da máquina, como uma possibilidade de viver melhor e levar uma vida próxima ao normal. *É muito bom, por que ficar sem dialisar é muito bom, ficar em casa normal (E5-19); Você não precisa ir mais ao hospital, na máquina, acordar as 4 horas da manhã dias sim, dia não (E4- 46); Você não se sentir amarrado a máquina é muito bom. Só de ser livrado da máquina já é um alívio muito grande (E2-38); Você tem uma vida melhor, a possibilidade de viver bem, viver mais, você tem a expectativa de sair da máquina (E1-42).* A libertação da terapia dialítica tem sido citada por outros estudos como principal apontamento pelos transplantados, uma vez que o TR promove a satisfação com a nova maneira de viver, sobretudo pela independência da diálise, considerada como o maior benefício da terapêutica adotada (SANTOS et al., 2016; MORAIS et al., 2016).

Também observou-se nas narrativas que a concretização de diversas atividades, anteriormente impossibilitadas pela hemodiálise, foi considerada pontos positivos após o TR. Isso quer dizer que a terapêutica impactou positivamente no cotidiano, melhorando a qualidade de vida. *Poder tomar água a vontade, tomar bastante água a vontade, que é tomar água (...) Você poder viajar, ir pra outros lugares (E2-38); Eu posso sair daqui e ir pra qualquer lugar, ficar 15, 0 dia em me preocupar (E4-46-).*

Corroborando com os dados apresentados, estudos têm apontado que o TR foi positivo em todos os domínios da qualidade de vida, no que tange a percepção geral (SANTOS et al., 2016; MORAIS et al., 2016). Neste sentido, a vida após o TR pareceu nesta pesquisa ter grandes ganhos, pois influenciou na capacidade da pessoa desenvolver as tarefas cotidianas, realizar atividades de lazer, ingerir líquidos, melhorando o estado geral de saúde, vitalidade e no âmbito social, favorecendo o bem estar da pessoa transplantada.

Necessidades de cuidados permanentes após enxerto: fragilidades dos transplantados.

Apesar do TR ser considerado uma das melhores opções terapêuticas para o tratamento da DRC, os transplantados enfrentam algumas dificuldades, destacando a rotina de cuidados necessários após a cirurgia, dentre eles o consumo constante de medicamentos imunossupressores com horários pré-estabelecidos, conforme relatos. *Só tinha que cuidar com o remédio tomar no horário certo sabe (...) e no começo, aumentou minha pressão (E5-19); Um pouco, porque no começo é muito remédio que você tem que tomar e você não pode esquecer nenhum horário e no começo era bem complicadinho por causa dos remédios, não era um, dois era bastante (E2-38); A quantidade de remédio que nós tomamos (...) Com esse tanto de remédio que você toma, você pode adquirir alguma doença (E4-46).*

Os pacientes de uma maneira geral, entendem que o TR os fará com que retomem a vida completamente normal. Porém, esse pensamento se modifica diante da manutenção contínua da terapêutica seja o uso contínuo de medicamentos, seja a terapia nutricional (SANTOS et al., 2016).

Essas dificuldades apresentadas devem ser consideradas como alerta para os profissionais de saúde direcionando aos pacientes e cuidadores para melhorar a gestão dos sintomas, apoio familiar e conseqüentemente maior adesão terapêutica e melhor qualidade de vida (MORAIS et al, 2016).

Destarte, enfatiza-se que mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelos pacientes transplantados, o TR se mantém como a melhor alternativa terapêutica para a DRC, uma vez que permite melhora na qualidade de vida a partir da independência da diálise.

Conclusões

As mesmas situações podem ser vivenciadas e percebidas pelos transplantados de maneira diferenciada, ressaltando a subjetividade e o modo de vivenciar de cada uma. Pois isso, os profissionais que trabalham com esse público, precisam entender e promover ações de saúde que valorizem e favoreçam a singularidade e o contexto das pessoas transplantadas.

Agradecimentos

A PPG e ao grupo de pesquisa do programa de pós-graduação de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá.

Referências

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 5 Ed. São paulo: Edições Loyola. 2005.

MORAIS, C.F.R.; SARDINHA, L.H.A.; COSTA, N.D.F; CÂMARA,C.J.J; VIEGAS, A.L.V; SANTOS, M.N. Adesão a terapia imunossupressora em receptores de transplante renal. **Ciência, cuidado e saúde**, v.15, n.1, 2016.

SANTOS, B.P.; VIEGAS, A.C.; FEIJÓ, A.M.; LISE, F.; SCHWARTZ, E. Foi/não foi tudo o que eu pensava: facilidades e dificuldade após o transplante renal. **Rev Gaúcha Enferm**, v.37, n.3, 2016.